



TEREZA VILHA

Museu biológico do Butantan, em São Paulo

BASE AMAZÔNICA

Instituto Butantan vai instalar seu primeiro campus avançado fora da sede paulista

O Instituto Butantan prepara a instalação de seu primeiro campus avançado fora da sede em São Paulo, em 104 anos de existência como o mais tradicional centro de pesquisas em cobras do país. Trata-se de um posto avançado na Amazônia, numa área de 64 hectares cedidas pela União no município de Belterra, próximo à Floresta Nacional do Tapajós, região de Santarém, no oeste do Pará. Otávio Mercadante, diretor do instituto, informa que o investimento na construção da sede é de cerca de R\$ 9 milhões, dos quais cerca de R\$ 500 mil viriam do Butantan, na forma da compra de equipamentos de pesquisa.

A base avançada será criada em 2006, e permitirá aos pesquisadores do instituto acesso mais fácil à biodiversidade da região. Mercadante diz que dos quase 150 pesquisadores permanentes do Butantan, pelo menos um terço deles já manifestou a disposição em participar desse projeto. Serão eles os principais usuários das instalações, deslocando-se para a região para coleta de espécimes e dados. Na fase inicial, parte da análise ocorrerá no local e parte na capital paulista, onde a infra-estrutura de laboratórios é adequada.

O objetivo é capacitar mão-de-obra local e criar uma pós-graduação na área de bio-

diversidade e biotecnologia. “Não pretendemos repetir experiências de projetos na selva sem inserção local regional”, alerta Mercadante. O projeto é um desdobramento de parcerias já existentes na região, com a Universidade Federal do Pará, Faculdades Integradas do Tapajós, Museu Goeldi e Inpa, além de trabalhos consistentes com ONGs presentes na região há pelo menos 17 anos.

Até agora, a ida de pesquisadores do Butantan constitui-se, fundamentalmente, de expedições científicas de coletas. Com a criação de uma base permanente, será possível montar laboratórios de apoio à pesquisa, um museu semelhante ao de São Paulo, onde serão expostas as espécies típicas da fauna local, além de criar um centro de difusão cultural, educação ambiental e monitoramento. Mercadante acredita que se poderá contar com recursos de fundos internacionais interessados na pesquisa da biodiversidade, já que esse é um tema de interesse geral.

Na origem do projeto está, ainda, a necessidade da presença de pesquisadores que já conhecem bem a região, para evitar problemas como o da polêmica biopirataria. A posição do Butantan é possibilitar a criação de um espaço de bioprospecção e ocupação da região pelo conhecimento.

ANIMAIS PEÇONHENTOS A região de Santarém é uma das mais afetadas no país por acidentes por picadas de cobra, com cerca de 300 casos por ano. “Mais de 50% das internações na enfermaria do hospital municipal são vítimas de ata-

que por animais peçonhentos”. O diretor do Butantan acrescenta que na região são encontrados os quatro grandes grupos de serpentes: surucucu, coral verdadeira, jararaca e cascavel. “É a única que tem os 4 grandes grupos juntos, com diferente variação de venenos para pesquisa e coleta, além de escorpiões e araias, próprios da região”, resalta. Portanto, no aspecto médico também a presença consistente de pessoal do Butantan será de grande utilidade.

ESTRATÉGIA No campo de pesquisa, duas estratégias devem nortear as atividades do campus avançado: a bioprospecção, para a coleta de espécimes desconhecidos ou pouco estudados; e o monitoramento mais próximo da biodiversidade e das espécies nativas, que sofre pressão ambiental com o desmatamento decorrente do avanço da soja e da pecuária, além da biopirataria.

Wanda Jorge



Giuseppe Porto

Surucucu: do grupo das mais venenosas

POLÍTICA CULTURAL

Variedade e riqueza dos sons brasileiros ajudam a ampliar a noção de patrimônio

Uma família ou um grupo de amigos reunidos pela marcação do ritmo dado pelo toque dos tambores, onde todos respondem aos versos cantados por um jongueiro e se revezam, no centro da roda, para dançar. Essa é a espontaneidade característica do jongo, cujo registro como patrimônio cultural do Brasil foi aprovado, em novembro de 2005, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), ligado ao Ministério da Cultura. O registro é um novo instrumento jurídico criado, em 2000, como alternativa ao tombamento, no âmbito de uma nova orientação dentro do Iphan: a de retomar a proposta inaugural de Mário de Andrade de reconhecer como patrimônio não só os bens edificados (monumentos, prédios, casarões ou igrejas) mas também os chamados bens imateriais, ou seja, as celebrações, práticas e saberes das culturas populares. Nesse contexto, a música – em particular, o samba – vem recebendo atenção especial. O samba-de-roda da região do Recôncavo Baiano foi reconhecido

como patrimônio da humanidade pela Unesco, também em novembro último. Outras modalidades tradicionais de samba estão sendo inventariadas pelo Iphan, como o samba carioca, o samba rural paulista, o côco, do estado do Espírito Santo, e o tambor de crioula, do Maranhão.

O JONGO DOS ESCRAVOS O jongo nasce entre os escravos que trabalhavam nas lavouras de café e cana-de-açúcar, principalmente no vale do Rio Paraíba. A linguagem cifrada e as metáforas características dos pontos cantados no jongo permitiam aos escravos jongueiros comunicarem-se de um modo que os capatazes e senhores não conseguiam compreender. Considerado como uma das bases do chamado samba-de-partido-alto, o jongo é praticado, hoje, nas periferias urbanas e em algumas comunidades rurais e, principalmente, durante as festas dos santos católicos, de divindades afro-brasileiras e no dia 13 de maio, data da abolição da escravidão. A recuperação de toda essa história do jongo – e de sua continuidade nos dias atuais –